

Condições de Espaço/Tempo/ Energia

UMA CONFERENCIA DADA A 5 DE DEZEMBRO DE 1952

61 MINUTOS

Obrigado. Bem, esta é a terceira hora do dia 5 de Dezembro, da parte da tarde. Nós temos estado a cobrir aspectos dos ciclos de acção interrelacionados, e descobrimos que ao postular ou ao adquirir ou ao assumir um novo tipo de ciclo chamado a Escala de Tom, podemos relacionar a experiência humana, a experiência de um thetan e as condições de espaço, tempo e energia, de forma que ao trabalhar numa delas possamos atingir uma outra.

Nós estabelecemos uma encruzilhada arbitrária ao dizer que existe uma Escala de Tom. Agora, ao introduzir isso construímos uma encruzilhada. E tem que ser uma encruzilhada bastante boa porque desde 1950 que isto tem produzido muito bons resultados. É algo que está a acumular dados e a simplificar dados.

Tal como a régua de cálculo está para um engenheiro, que afinal de contas é um arbitrário (uma escala de logaritmos) também se poderá dizer que a Escala de Tom está para um auditor. Resolve problemas por ele. E quanto melhor a souber usar, melhor auditor será. Isto diz-lhe que no Processamento Criativo, os mock-ups que ele dirige ao preclear podem aumentar e aumentar e aumentar de nível com grande variedade.

Se não lhe desse essa variedade, ele não poderia manter o interesse do preclear. Além disso, se não tivesse uma coincidência ou associação entre a experiência humana e a experiência do thetan, e o espaço energia e tempo, ele não seria realmente capaz de remediar a aberração, em termos de universo MEST.

Aqui encontramos alguém no universo MEST e queremos saber como podemos fazer uma das seguintes coisas: (1) melhorar a sua condição no universo MEST, (2) fazer dele um thetan e melhorar a condição do thetan no universo MEST, (3) tornar possível para ele criar itens e objectos e por aí fora, no universo MEST, (4) criar um universo dele próprio, (5) manejar e controlar universos ou (6) pôr isto tudo de lado.

Ele tem todas estas diferentes escolhas, e essencialmente estamos a estudar escolha e intenção. Bem, vocês querem saber o que está acima de 40.0... uma das coisas que está acima disso seria a *intenção*. Se a intenção é de ter objectos, ele teria que atravessar o que fosse necessário atravessar para fazer o objecto. Ou ele simplesmente faria o postulado de que havia um objecto ali, e teria um objecto. Ou se quisesse acção, se a sua intenção fosse acção, ele poderia ter acção. Se a sua intenção fosse apenas ter muito espaço, ele poderia ter muito espaço.

Ou se a sua intenção fosse para continuar ao longo de um assunto conhecido como progresso, ele poderia seguir através do ciclo de acção, *desde o espaço até ter um objecto*. Por outras palavras, a sua intenção em cada caso, continuamente um após outro, poderia ser uma coisa selectiva.

Ora bem, há uma grande lucidez nisto... há uma grande fluidez. Ele preparou-se para concordar com a chegada à posse de um objecto pela adopção de um ciclo de acção. E ele inclusive foi tão longe quanto pensar que tinha que ter um objecto para ter uma memória. Ele tem... ele produz no *Homo sapiens* fac-símiles, engramas, secundários,

locks (elos), dados, fac-símiles, imagens, livros, todo esse tipo de coisas, palavras, todas estas coisas. Bem, para isso... ele entrou nesta escala. Agora, isto entrou numa escala de gradientes e numa nova escala aqui, bastante importante, a escala de automaticidade. (Terei de vos falar dessa escala.) E ele levou tudo até um ponto em que tudo é automático, tudo tem que ser feito para ele, tudo tem que ser objectos que já existiam antes dele... ele existe antes de qualquer objecto, mas tornou isto tão distorcido por esta altura que o objecto existe antes dele.

E ele... caramba, ele começa de baixo e mergulha a toda a velocidade.

E isto, então, são uma quantidade de escolhas. De forma que a intenção existe acima de 40.0. Há também outras coisas que podem existir acima de 40.0, mas existe intenção.

Agora, ele poderia simplesmente dizer: "Eu tenho acção". Um mágico... os cultos mágicos dos séculos oitavo, nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo no Médio Oriente eram fascinantes. A única obra moderna que tem alguma coisa que ver com eles é um pouco louca em alguns pontos, mas é em si uma obra fascinante, e essa é uma obra escrita por Aleister Crowley, o falecido Aleister Crowley, o meu grande amigo. E ele fez uma peça esplêndida de estética, construída à volta desses cultos mágicos. É uma leitura muito interessante... conseguir um exemplar, muito raro, mas é possível obter. *O Mestre Therion*, T-h-e-r-i-o-n. *O Mestre Therion* por Aleister Crowley. Ele assina "A Besta". "A Marca da Besta, 666". Muito, muito... uma ou outra coisa, mas seja como for... Crowley exumou muitos dos dados desses antigos cultos mágicos.

E ele, de facto, maneja bastante causa e efeito. Causa e efeito é manejado de acordo com um ritual. E é interessante que sempre que têm uma coisas destas, vocês podem atribuir-lhe um ritual. E esse ritual é aquilo que têm que fazer para conseguir isso, ou como vocês têm que executar isso, e quantos movimentos têm que fazer para ter a sua posse, e isso é o ritual. Ou quantos movimentos ou palavras têm que dizer para ser alguma outra coisa. Bem, isso é um ritual. E isso é um... cada ritual é algum género de ciclo.

Agora, vocês podem ter ciclos que começam de baixo e acabam alto, mas porque *o Homo sapiens* concordou com um ciclo que começa com espaço e acaba com matéria, quando *o Homo sapiens* começa um ciclo de acção acaba com as mãos cheias de ouro e com grilhetas em todos os membros.

Ora, ele sabe contínua e completamente, que tudo o que tem que fazer é começar de baixo e subir para o alto. Ele sabe isso. Ele diz: "Bem, agora, tudo o que temos que fazer é subir esta escala de gradientes, *da-da-da-da pta-bau*", e não tem tido um caminho que conduzisse através de alguma coisa para reverter este ciclo. Porque ele concordou tão intensamente em ter o ciclo de acção, que é este universo MEST propriamente dito, que ele próprio não consegue levar-se a reverter isto completamente sem retroceder no ciclo do acordo, só porque ele é ético e honra a sua palavra.

Não importa quão mau ele vos pareça neste nível da Escala de Tom, não se livrou desta situação por uma razão, e esta é que ele honra a sua palavra.

Quando retrocede neste ciclo de acção, ele só tem que recuar e vocês têm: começar em baixo e chegar alto. E em Cientologia temos, tanto quanto sei neste universo, tanto quanto sei pela primeira vez, temos um ciclo de acção que começa em baixo, sobe até ao alto e chega lá, e não que comece com um baixo que tenhamos, depois negue a sua existência e simplesmente tente apagá-la e parta daí para outro lugar qualquer.

Isto é algo parecido com uma estrada interrompida, um beco sem saída, um desfiladeiro sem saída. Vocês chegam a galope ao universo MEST cheios de viço e vigor, e subitamente há um estrondo! Ali estão vocês no fundo da Escala de Tom... o ciclo de acção.

Agora, nós temos um ciclo de acção que retrocede. Começa com parar, que é *Homo sapiens*, e acaba com intenção, que é o nosso thetan completamente liberto. Um ciclo de acção bom e funcional. Aquilo que vocês estão a estudar, para dizer a verdade, é um ciclo de acção que pode ser aplicado porque é muito cuidadosamente baseado na inversão do ciclo de acção que fez o universo MEST.

E, para fazer este novo ciclo de acção, o ciclo de acção original com que se concordou de forma ampla e geral tinha que ser totalmente compreendido. Agora que temos esse ciclo de acção, podemos revertê-lo. Mas não é para trás, é para a frente e para cima. Porque o nosso único motivo aqui não é simplesmente a reversão de um ciclo de acção. Estamos a tentar estabelecer um ciclo de acção neste universo que funcione para os indivíduos. E de facto funciona. A Cientologia 8-8008 é uma concepção de um novo ciclo de acção.

Aquele é o traçado, ali mesmo. Diz para onde o ciclo de acção vai, uma infinidade, um potencial não aplicado, e diz como vocês lá chegam. E diz que vocês sobem a Escala de Tom, estão a ver? O universo MEST é infinito no fundo da Escala de Tom. Tudo é movimento. Tudo é matéria. Tudo pertence aos outros e nada vos pertence. Entendem? Na realidade, o movimento torna-se movimento total, torna-se não-movimento e isso é matéria, de forma que vocês têm... vocês começam ali no infinito, que é o universo MEST, e o universo MEST nunca é mais real do que de 4.0 para baixo.

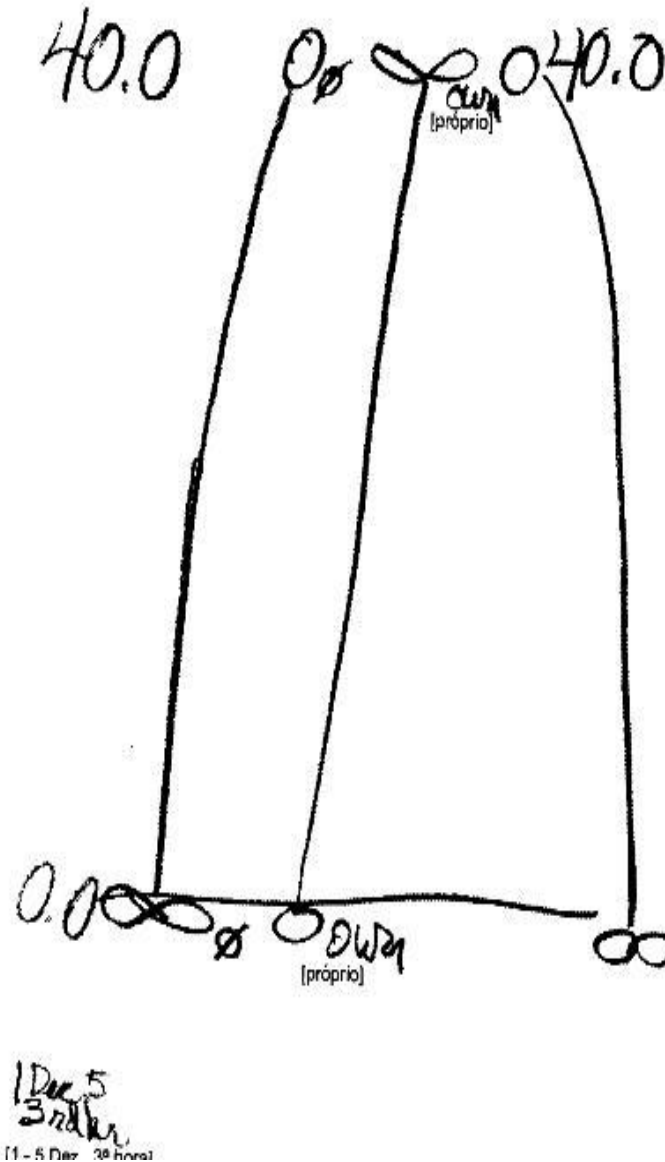
E vocês voltam pela linha acima a partir daí, e vão, continuamente, escala acima e estão a chegar lá cima na escala e o universo MEST deixa de existir, completamente, e em 40.0 simplesmente não existe para o preclear. Vocês estão a levá-lo para cima na Escala de Tom. Vocês estão a fazê-lo subir até ao ponto em que o universo MEST será zero. E vocês podem pará-lo ou ele poderá parar-se a si mesmo por volta de 20.0, e ele tem uma escolha: ele poderá contactar o universo MEST, ele poderá ter o universo MEST, ou, por outro lado, ele poderia ter um universo dele mesmo ou ser parte integrante de outro universo, ou todas essas escolhas que eu vos dei na primeira parte desta hora.

Agora... temos esse ciclo de acção. Agora, isto informa-o, adicionalmente, que o seu ciclo de acção adicional depende destes ciclos de acção, e que ele tem um padrão para a construção do seu próprio universo com o qual ele pode fazer praticamente aquilo que quiser, mas não define o que seria o infinito do seu próprio universo e não diz de forma alguma que tem de ser uma coisa de movimento total.

Mas diz-lhe que pode elevar o seu próprio universo desde zero e levá-lo até infinito. De forma que temos este ciclo de acção. Esse é um ciclo de acção que num gráfico ficaria assim. *[Ver o diagrama da conferência na próxima página]*.

Portanto, claro que o infinito seriam todos os ciclos de acção possíveis. E quando diz infinito do seu próprio universo, ele poderia fazer disto um ciclo de acção qualquer. De forma que o primeiro infinito significa *todos os ciclos de acção possíveis* ou qualquer outro tipo de padrão, ou qualquer outro tipo de ritual, ou qualquer outro tipo de intenção na qual ele se queira envolver.

Ora descobrimos que o universo MEST é mais real aqui em baixo em 0.0. Caramba, há... um indivíduo é mesmo real quando está morto. E isso segue linha acima até aqui, e isso seria infinito.



E isso segue linha acima até aqui em cima, até 20.0, que estaria a meio caminho entre infinito e zero aqui em cima, e continuaria por aí fora, e em 40.0 vocês teriam, para o universo MEST... é fi zero, fi infinito, e vocês teriam 40.0 ali em cima no topo. Isso está fora... entendem?, quer dizer, isso está fora do universo.

Bom, isso segue daqui, então, para zero do seu próprio universo, e temos simplesmente que inverter esta coisa. Digamos que o seu próprio universo tem uma Escala de Tom num princípio totalmente diferente. Nós temos uma Escala de Tom neste princípio que nos leva de 40.0 do seu próprio universo para zero do seu próprio universo... ou zero do seu próprio universo. Eu não me importo de que forma isto é expresso.

De forma que temos esta coisa a avançar desde um 0, ou nada mais do que espaço,

ou alguma coisa como o seu próprio universo, se ele consegue sair do espaço, até ali em baixo. E isto, claro, para o seu próprio universo poderia chamar-se infinito e para o seu próprio universo aqui em cima poderia chamar-se zero.

Ora bem, não importa como eu desenho isto. Se vocês têm alguma curiosidade acerca desse segundo gráfico, é porque vocês estão a tentar relacioná-lo com o primeiro gráfico da Escala de Tom. E ele poderia desenhar uma Escala de Tom para o seu próprio universo que seria uma beleza. Poderia fazer qualquer coisa: espaços torcidos ou quadrúpedes ou tudo o que quiserem, mas ele não a tem agora, isso é de certeza. Ele não a tem agora. De forma que talvez seja melhor desenhar esta coisa desta forma. Poderia ser assim... e isto seria “zero” porque... certeza em 40.0... em 30.0... 40.0 ele pode *começar* em direcção ao infinito do seu próprio universo, não pode?

E em zero aqui, 0.0 nesta Escala de Tom, ele não tem nada, pois não? Porque em zero, as esperanças, os sonhos, as ilusões de um homem e todas essas coisas, com as quais ele dignifica o universo MEST, estão mortas. Elas não existem. A morte só acontece quando o indivíduo já não é capaz de colocar nada da sua própria força, os seus sonhos, esperança e intenção sobre o universo MEST.

Se querem matar um homem... a maneira mais eficaz de matar um homem poderá ser com uma caçadeira, mas essa caçadeira está a dizer-lhe, durante um instante terrivelmente curto, que ele encontrou alguma coisa no universo MEST que não pode superar em termos de força. E se encontrou isso, ele está morto. Muito simples.

Ou vocês simplesmente começam com ele e começam a trabalhá-lo quando ele é muito pequeno, e vocês dizem: “não devias imaginar coisas dessas, não devias fazer coisas dessas, não *da da da-da-da-da, da da da-da-da-da*. Agora vais trabalhar, vais trabalhar arduamente, agora que estás casado, tens que trabalhar arduamente e tens que fazer isto, e tens que fazer aquilo e nós esperamos certas coisas de ti e nós... e por aí fora. E tens que passar através disto e tens que passar através daquilo e não podes fazer isto e não podes fazer aquilo e não podes fazer isto e não podes fazer aquilo”. De tal forma que chega até ao ponto da restrição.

Eu estive com um matemático uma vez, falei-lhe disto e ele de imediato pensou em algo a que se chamava “adstrito”, e ele descobriu que cada vez que qualquer pessoa falava com ele, estava a tentar impor-lhe algum tipo de restrições. Isto tinha a ver com restrição.

E portanto, ele de repente reconheceu isto, e, com este reconhecimento claro e brilhante, subiu o poste, subiu até duzentos e quarenta quilómetros sem pára-quebras e durante algum tempo foi alguém notável. Ele era um problema. Agarrou numa rapariga que tinha casado porque ele a amava, e convenceu-a de que era este o caso. E ela disse: “Quem diria, é mesmo assim”. Ele agarrou-a pelo cachaço e foram para outro estado, e viveram felizes para sempre e casaram-se. Eu quero dizer, eles são... simplesmente não se faz isso neste universo, sabem?

Não se agarra nesta rapariga, e ela é casada e está totalmente comprometida e ela tem uma identidade e por aí fora, e não se diz de repente: “Olha, sabias que tudo aquilo que toda a gente te está a dizer é na realidade uma tentativa de te restringir de alguma forma? Olha, nós podemos passar muito bons momentos. E porque é que não vens simplesmente apanhar o comboio e vais buscar o miúdo e vamos embora?”. Ele conhecia-a há talvez vinte e quatro horas. E eles de facto foram-se embora. E eles têm sido muito felizes.

Entendem, seria de esperar que... seria de esperar que isto... O universo MEST

dir-vos-ia que qualquer coisa que começasse assim acabaria em desastre. Não, não. Qualquer coisa que começa da outra forma é o que acaba em desastre!

Sabem, vocês encontram alguém e depois de se conhecerem durante um período, de anos, talvez três anos, têm um noivado. E depois ele trabalha muito arduamente num emprego para juntar dinheiro suficiente para poder pagar a entrada de uma casa. E então finalmente casam-se, e eles têm o consentimento de todos e a aprovação de todos. E depois eles têm alguns filhos com o consentimento de todos e a aprovação de todos. E depois eles trabalham cada vez mais e eles mandam as crianças para a faculdade. E quando as crianças acabam a faculdade, eles dizem: “para o diabo com os velhos”. E por aí fora. E no fim eles acabam com os pés doridos e cansados, mas com este sentimento virtuoso: “bem, fizemos o nosso melhor, e ajudamo-los a todos e agora nós, também, podemos ir desta para melhor”.

Isso é praticamente aquilo que MEST diz a toda a vossa volta. Diz: “Nós temos-te ajudado. Nós fomos até ao fim do caminho”. Isto é: “eu tenho esse sentimento triste, triste e cheio de remorsos”. Claro, *não há um pedaço de MEST no universo MEST que não tenha sido abandonado tantas vezes que passou a ter isso escrito por todo o lado.*

Portanto, temos aqui, então, Cientologia 8-8008 na forma de um ciclo de acção, que nos dá um processo. E ele dizia: “Este é um caminho. E se vais por este caminho, bem, estas são as tuas potencialidades. E se gostas do outro caminho e se pensas que este universo MEST é um lugar maravilhoso e que deves estar de acordo e estar de acordo e estar de acordo e estar de acordo... eh pá, é teu.

Se simplesmente gostas deste universo, isso depende de ti. Isso depende inteiramente de ti. Tendo em vista o facto que estás ali em... 2.5 ou 3.0 na Escala de Tom, e lá estás tua em 3.0 na Escala de Tom e estás perfeitamente conformado, pensas que tudo o que acontece é para o melhor. E tu estás perfeitamente feliz e tudo está a sair da forma que devia e... se vocês conseguirem encontrar um sujeito que seja assim e que não queira tomar este caminho, vou dar-vos uma grande quantidade de MEST como recompensa porque eu não fui capaz de o encontrar. Mas ele existe como um mito e uma ilusão.

Ora bem, um mágico, voltando à causa e efeito e à obra de Aleister, um mágico postula qual será o seu objectivo antes de começar a levar a cabo o que está a fazer. O antigo mágico era o tetravô do vosso moderno mágico do palco. O mágico do palco nem sabe que o antigo mágico terá alguma vez existido.

E o mágico do palco sobe ali para cima e ele acena com isto, e ele tem um chapéu e ele tem uma varinha e ele tem o seu bricabraque de vários géneros e ele não sabe realmente donde estas coisas vieram. Isto foi uma grande partida que lhe pregaram. Estes são pedaços de rituais dos séculos oito, nove e dez e cada um deles significa alguma coisa terrivelmente específica, e o ritual mais incrível do mundo está associado ao seu uso. O mágico era muito ritualista e postulava com muito cuidado qual o efeito que ele estava a tentar conseguir antes de ser causa desse efeito. Essa era a primeira coisa que ele faria. “O que é que eu estou a tentar fazer?”

Depois ele fazia uma declaração daquilo que estava a tentar fazer. E tendo feito uma declaração daquilo que estava a tentar fazer, ele então começava os passos necessários para consegui-lo. Se ele não fizesse isto, cairia inevitavelmente nesta armadilha: tornava-se efeito da sua própria causa, porque aquilo que ele acabava por conseguir iria parecer-lhe surpreendente e poderia parecer desejável como efeito sobre ele.

Portanto, ele tinha muito cuidado em se manter fora dessa barafunda e não tinha mais nada que ver com isso. E sempre que conseguia esse efeito, então ele dizia: “Estão a

ver, eu consegui este efeito”.

Ele ainda era a causa desse efeito. Mas um sujeito que simplesmente está sempre a atrapalhar-se, diz: "Bem, eu acho que vou fazer isto e aquilo e isto e aquilo e vamos deixar tudo à sorte. E imaginem o que aconteceu... eu finalmente acabei nisto e naquilo e nisto e naquilo e... não é engraçado para mim?". Ele chega a um ponto em que está continuamente a ser efeito da sua própria causa. E de facto, nesse mesmo momento obtemos uma ilusão de tempo porque ele se torna cada vez mais uma *coisa*. Ele é um objecto, cada vez mais e cada vez mais um objecto.

E claro que é inevitável que ele só possa descer nesta Escala de Tom até que chega ao infinito do universo MEST e ao zero de causa pessoal. Portanto, se vocês começam por ser causa, tenham cuidado para não acabarem em efeito. A única forma como podem acabar em efeito é esquecer que foram vocês que produziram aqui este efeito. Foram *vocês* que o fizeram. Mais ninguém o fez. Foram *vocês* que o fizeram. E enquanto souberem que foram *vocês* que o fizeram, então estarão bem.

Agora, porque uma pessoa de repente diz: "está bem, eu tomo responsabilidade total por tudo que alguma vez fiz, e a culpa foi minha". Bem, estão a ver, para começar ele não postulou aquilo que estava a tentar fazer, de forma que vocês estão a apanhar o vosso preclar onde está sentado como se fosse uma espécie de peão (xadrez). Ele acaba de ser empurrado de um lado para o outro e por aí fora. Ele nunca teve realmente uma intenção claramente expressa em nenhum lugar em toda a linha. Agora depende de vocês, depende de vocês levá-lo a declarar uma intenção. O que é que ele está a tentar fazer? Em que é que ele se quer tornar?

Vocês fazem-no declará-la. Se vocês a declaram por ele, e se vocês... se vocês a declaram por ele, então assegurem-se de que se lembram que a declaram por ele. Assegurem-se de que sabem, quando ele finalmente for superaclorado ou alguma coisa do género, que vocês o fizeram. E se ele de repente aparecer e explodir a vossa casa como resultado disso, vocês introduziram alguma randomidade (casualidade) do que fizeram. Mas não deviam ficar numa situação que vos transtornasse, caso a vossa casa explodisse.

Se vão subir a tais altitudes e alguém aparece e explode a vossa casa, então vocês constroem a casa outra vez. Vocês dizem: "*bum*, a casa está ali". Vocês dizem: "qual é o problema, rapaz, estás a perder a tua força?"

Ora bem, aqui temos, para cima e para baixo na escala, então, estes vários gradientes, estes ciclos de acção, e descobrimos que um ciclo de acção acontece porque um indivíduo faz o quê? Ele começa a fazer alguma coisa e... não diz o que está a fazer.

Como o pastor na igreja; ele perguntou à congregação se eles gostavam da sua forma de argumentar e discutir, e toda a igreja olhou para ele de forma duvidosa, e, finalmente, o diácono disse: "bem, gostamos muito da sua argumentação e discussão, mas você não mostra em quê". E o resultado todo disto é o facto que aqui está o vosso sujeito a entrar em acção, acção, acção, acção e ele simplesmente não mostra de modo algum em quê. Ele está simplesmente em acção.

Ele pega noutra pessoa e nalguma outra coisa e... leva pontapés aqui e diz: "bem, isto é provavelmente...". Ele vai ali abaixo e come uma baleia em decomposição na praia e fica com uma dor de barriga terrível. E senta-se na areia, à la Kipling, e diz: "os deuses castigaram-me".

E de todas as vezes ele diz: "eu sou um efeito, eu sou um efeito, eu sou um efeito, eu sou

um efeito", ou apercebendo-se que o fez: "a culpa foi minha", e enfia-se ainda mais no ciclo do universo MEST. E esse ciclo vai de espaço a objecto. E um objecto é matéria, e são as coisas que manejam o objecto e o objecto não maneja outras coisas. De forma que aí está o vosso ciclo. É o ciclo do *fracasso em postular causa* e em reconhecer que se é efeito da causa. Bem, vocês podem começar em qualquer altura a fazer isso, porque não tem existência no tempo.

Apenas se torna um fluxo no tempo quando se começa a abandonar a responsabilidade pelas causas que se postularam. E vocês começam... a pior coisa que pode possivelmente acontecer ao vosso preclar... uma das coisas que é realmente bom e quente de percorrer num *Homo sapiens*, coisa fantástica, são as vezes em que ele negou que o disse, quando o tinha realmente dito, as vezes em que ele se negou a si mesmo. E quando se negou a si mesmo, estava morto. E muitas destas pequenas criaturas "dançam" à volta das pessoas nesta sociedade, e elas querem dizer... algumas dizem sempre: "admite que não disseste isto".

"Tu partiste-me o coração. O que disseste foi tão terrível, e por aí fora... agora diz-me que não o disseste. Tu não querias dizer isso, pois não?"

Ele disse: "tu és sem dúvida a *mm. hm-hm-hm-hm!*"

E depois elas não... elas não andam por ali a dizer: "eu sinto-me mal por ele ter postulado que eu sou isso, ou porque ele tentou dirigir-me". Não, elas dizem: "diz-me que não querias dizer isso". Ou toda a discussão irá resolver-se e finalmente quando "a paz é restabelecida" que será da seguinte forma: "não tive intenção de dizer o que disse". *Ai teve, teve!*

Se ele disse: "eu estava a falar a sério e afirmo tudo o que disse. Agora mesmo eu acho que és linda e encantadora", e ele não se nega a si mesmo. Estão a ver? Isso na essência é honestidade para consigo mesmo. Ele não abandonou a sua própria beingness. Porque no momento em que ele disse: "tu és sem dúvida a *mm. hm-hm-hm-hm*", isso era beingness. E era beingness antes e foi beingness depois. Mas de repente ele tomou uma acção violenta de um ponto de beingness e intenção, e então pouco depois disso, ele disse: "não, isso não era eu". De forma que ele está a dizer: "sempre que aplico força ou uso força, mesmo que na sombra de uma linha de comunicação, esse não sou eu". E imaginem o que acontece. De repente ele acaba por não ser ele próprio. Ele não sabe quem é.

E vai aparecer e perguntar-vos de forma patética... ele irá fazer-vos a pergunta mais patética. Ele dirá: "se... qual... bem, podias-me dizer... bem, se eu simplesmente descobrisse quem sou, penso que ficaria bem". E ele vai fazer isso convosco continuamente: "se eu simplesmente pudesse descobrir quem sou...". E o que é mais engraçado é que ele é ele.

Ele está a perguntar, por exemplo... ele está a perguntar esta coisa surpreendente. Ele está a dizer: "podes dizer-me, por favor, que nomes me foram atribuídos no passado? Podes por favor dar-me uma lista dos efeitos que tenho sido? Podes por favor dar-me uma lista das vezes em que as pessoas me atribuíram uma identidade, por outras palavras, quando fizeram de mim um objecto ao darem-me um nome e uma localização? E eles deram-me isto e eu tenho essas coisas agora, de forma que agora eu sou". Oh, não, ele não é. Esse é o momento em que ele não é. Ele não é de forma nenhuma ele mesmo, ele é um nome.

Um dos truques mais baixos, de novo em Kipling, que se pode levar um preclar a fazer, é simplesmente começar a repetir o seu próprio nome. Digam-lhe para repetir o seu próprio nome. Repete o teu próprio nome, repete o teu próprio nome e por aí fora...

"Quem diabo sou eu?" E ele fica neste estado horrivelmente estranho de ser, mas não identificado. É uma experiência interessante.

Se levarem uma criança a fazer isto, vocês vão convencê-la a sair directamente para fora deste universo. Vocês dizem simplesmente: "Bem, como dissestes que te chamavas? Joãozinho Jonas, está bem. Agora começa simplesmente a dizer Joãozinho Jonas".

A criança diz: "Joãozinho Jonas, Joãozinho Jonas, Joãozinho Jonas, Joãozinho... Que diabo! Quem sou eu?" Isto irá simplesmente dessensibilizá-lo. Desgasta o seu nome. Porque isso é só uma identidade, e por essa razão é um objecto, por tal razão pode ser gasto. Mas o que não pode ser gasto é a sua própria beingness. Quem é ele? Ele é ele, isso é quem ele é. E no que diz respeito a beingness, ele é quem *ele* decide ser. Não quem outra pessoa decidiu que ele era. E cada vez que ele decide ser alguém que outra pessoa decidiu que ele era, desiste da sua própria beingness e torna-se um objecto.

A ideia de dar um nome é em si mesmo uma grande magia que os rapazes não cobriram de modo nenhum nesta dissertação. Eu não vos estou a dar dados dessa área. Esses rapazes eram muito conscientes desse ponto específico. Quando não fazem uma clara declaração e a intenção daquilo em que vos estais a tentar tornar, vós deixais de ser, malta. Não deixem que o tiro de vossa pertença saia pela culatra. Não façam de conta, de repente, que não tiveram nada que ver com a *criação* daquilo que agora vos cerca.

Isso dá-vos o tempo, entendem? O transtorno de causa e efeito, o transtorno disso, enterra o tempo. Mas o uso de causa e efeito trá-lo à existência. E causa/efeito, à medida que é abandonado, cria vários estados de ser. E a força, à medida que desce pela Escala de Tom no universo MEST, toma um carácter cada vez mais sólido. E fica mais sólido e mais sólido e mais sólido e mais sólido, e, no fundo da Escala de Tom, o vosso preclar não poderia bem saber o que fazer com isso, para o manejar numa banda de força.

Para manejar um pouco de força ele pensa que na realidade seria preciso um guindaste. Pelo menos é preciso um cabo, e é preciso um cabo com enormes isoladores, e é preciso ter todo o tipo de coisas para conseguir levar a força de um lado para o outro.

Não lhe ocorre que aquilo que ele faria... a acção a meio da faixa em acção... ele diria: "vamos a ver. Eles querem alguma força a fluir por esta linha, ou alguma coisa do género. Está bem. *Querruap!*" Ele tem força a fluir por aquela linha. Mas... caramba! Ou então, se estivesse um pouco mais alto na Escala de Tom, ele diria: "Oh, eles precisam de um pouco de força ali? Ah, muito bem, ali está". E ali estaria. *Zong, zong, zong, zong*.

Pode parecer-vos tolice, talvez, mas não há nada mais fácil para brincar do que com a força, mas não há nada mais incrível do que a força ali em baixo no fundo da Escala de Tom. Caramba, se as pessoas são mesmo efeito dessa coisa! Se vocês pegassem nuns insignificantes 110 AC (corrente alternada) e os ligassem à boca de um *Homo sapiens*, ele iria queixar-se...

Agora, esta força, à medida que desce pela escala descreve certos estados de ser, e o primeiro é a quantidade de acordo, quando se desce de 40.0 para baixo, é quanto acordo é que uma pessoa teve ou usou. E o próximo é em quanta comunicação é que ele se mete. E o terceiro é qual é o seu estado de afinidade ou emoção? E aqui em cima é sensação, aqui bem acima, e depois isto transforma-se em afinidade, como nós chamamos a faixa emocional.

E precisamente aqui mesmo estamos bastante, é claro, bastante habituados àquilo que o *Homo sapiens* usa como parte dessa faixa emocional, e um sujeito realmente pensa que uma pessoa não tem outras emoções além disto. Ele pensa que sabe alguma coisa sobre a emoção “espírito de jogo”. Ele está totalmente alheio a isso.

Ele sabe que é muito divertido ir e jogar um jogo. E algumas vezes, quando tem trinta anos ou alguma coisa do gênero, ele sai e joga à apanhada com o filho ou alguma coisa do gênero, estão a ver? Ele sabe o que é jogar, e é algo no qual tem de trabalhar. E ele tem o espírito de trabalho à perfeição. Bem, essa é a emoção chamada esforço. Mas sobre o espírito de jogo ele não sabe grande coisa.

E de repente vocês metem um preclear no espírito de jogo e ele diz: "meu deus, aonde é que... aonde é que isto estava? Tenho uma vaga sensação de que quando era pequeno eu sentia isto muito espaçadamente... muito espaçadamente sentia alguma coisa parecida com isto. Mas isto é realmente excepcional!" E ele de repente irá reconhecer que isto tem mais intensidade do que o sexo.

Óh! Sensação... Espírito de jogo.... De forma que tem estas várias coisas que descem pela Escala de Tom desde aqui até aqui. E essas coisas: a capacidade de comunicação e o nível de acordo e a comunicação, acordo e estado emocional ou de sensação, todas as três, existem, e em qualquer nível são uma constante. Elas são interdependentes numa constante e temos o triângulo ARC.

Agora, ARC... no passado usámos ARC como uma experiência interrelacionada. Nós sabíamos que afinidade estava relacionada com comunicação e que estas duas estavam relacionadas com acordo. Que não se podia entrar em comunicação com alguma coisa sem pelo menos concordar com ela parcialmente. Vocês concordariam, em certa medida, com qualquer coisa com a qual entrassem em comunicação. E para estar de acordo com alguma coisa teriam que entrar em comunicação com ela. Vocês teriam que concordar ou discordar de alguma coisa, e isso era garantido, discordar dela ou concordar com ela para estar em comunicação com ela. Tinham que ter alguma coisa dessas.

E portanto, vocês tinham a vossa faixa de comunicação aqui deste lado, dependente da faixa emocional. A quantidade de comunicação em que vocês entravam e o tipo e a variedade dessa comunicação era estabelecida pela sensação, a emoção, a afinidade e como se sentiam acerca disso. E assim tinham ali as vossas coisas interligadas.

Vocês não poderiam estar de acordo com um tipo sem entrar em comunicação ele e ter algum transtorno emocional, mesmo que fosse alguma coisa à qual gostariam de chamar nenhuma emoção com isso: "eu não fiquei transtornado por causa disso. Eu contive-me e controlei-me lindamente. Não tive absolutamente nenhum sentimento sobre isso". Ah, sim? Bem, isso é uma sensação.

Assim, tínhamos ARC, ARC, ARC. Portanto em qualquer ponto disto, desde 0.0 ou desde -8.0 para cima, em qualquer nível, temos um ARC e um ARC e um ARC e um ARC. E para qualquer nível dessa Escala de Tom temos ARC.

Bem, parece que temos que entrar nalguma coisa um pouco mais quente. Nós não associamos... eu digo simplesmente que há ARC em qualquer ponto dessa Escala de Tom, e nós associamos essas ao universo MEST como ARC. Por isso, é melhor que as associemos de *perto*. E será melhor que as associemos bem de perto. E não me leva uma eternidade para associá-las de perto, felizmente, porque finalmente liguei-as em termos de "condições de energia". E ARC passou a significar, de repente, condições de energia.

Bom, se vamos fazer isso, será melhor olharmos para a energia e descobrir quais são estes três componentes de energia. E descobrimos que a energia requer espaço e que é uma partícula e que é acção e que se torna um objecto. Descobrimos que é isso que ela faz... a energia. Mas, quem haveria de dizer, existem três formas disso acontecer.

Há a grande variedade de existir apenas um fluxo, depois há uma dispersão e depois há um ridge (crista). *[Ver o diagrama da conferência na próxima página]*. Ora bem, aqui temos um fluxo, ali há... são três tipos de energia, três acções de energia. Aquilo é um fluxo. Bem, vocês entendem que aquilo poderia ser uma onda suave, como uma onda sinusoidal ou alguma coisa do género ou pode ser uma onda de ruído. Ou pode ser aqui uma onda complexa. Alguma coisa que vai assim. Não importa que tipo de onda complexa esta seria. Qualquer uma destas coisas são fluxos. E realmente não importa se é uma onda pequena ou uma onda enorme como esta. Qualquer coisa assim é um fluxo. E o vosso fluxo vai deste ponto para este ponto, ponto 1, ponto 2. Estão a ver?

Agora, poderíamos dizer que uma onda de esforço é uma onda grande e pesada que ia desta forma e que era um fluxo de esforço, por isso havia... a propósito, alguma vez notaram que alguém que está a tentar levantar alguma coisa pesada treme? Ele tem tremores, e não a consegue manter muito estável? E vocês têm este tipo de onda de ruído que acompanha a faixa de esforço. Têm uma onda de ruído a acompanhá-la. Têm um tremor que a acompanharia.

Ora bem, todas estas coisas podem ser marcadas no gráfico de um tubo de raios catódicos, no fotómetro Koenig, e há uma quantidade de outras formas de o fazer. Eles podem seguir padrões magnéticos em peças de fita. Vocês podem medir estas coisas com instrumentos de medida.

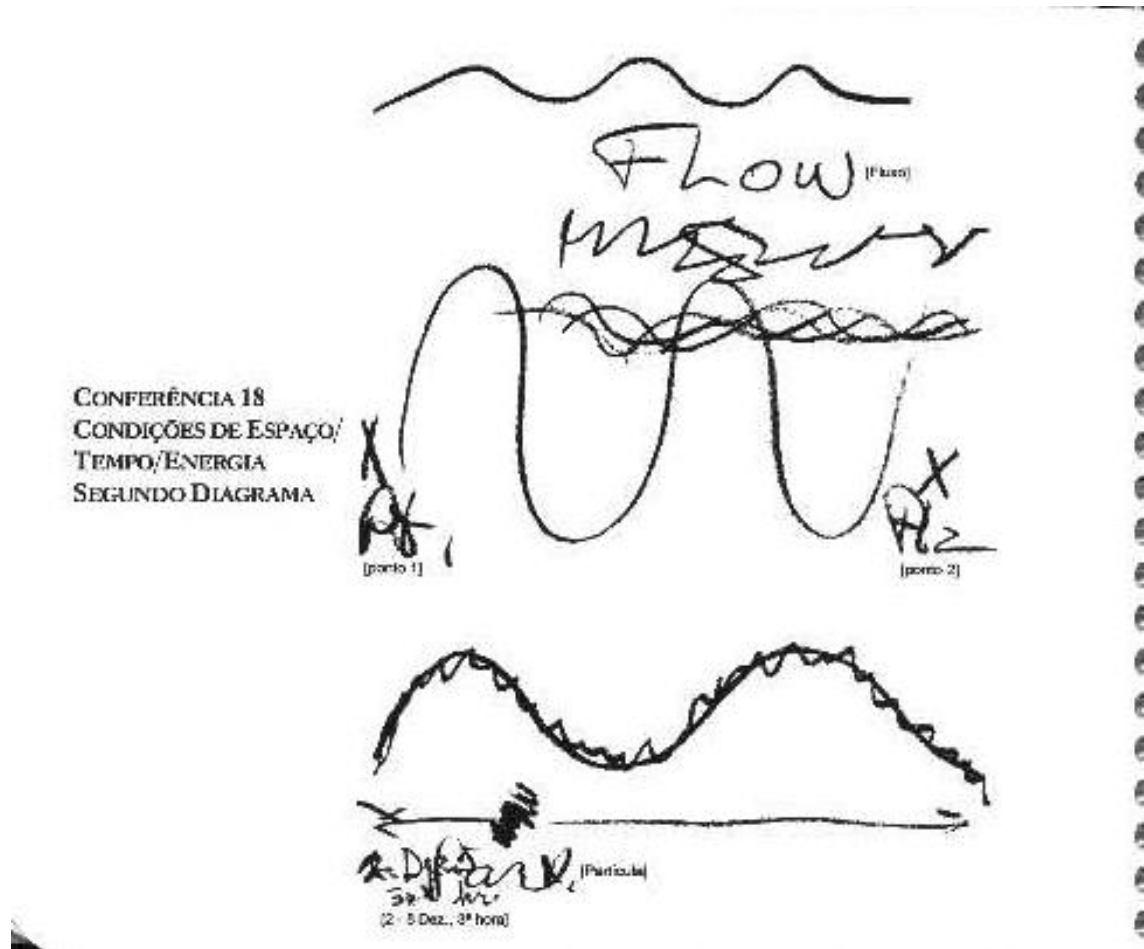
Não importa se é uma onda do mar, uma onda de rarefacção/condensação como aquela que passa através do ar, se é ou não a passagem de uma partícula como numa máquina de raios X, porque isso é uma coisa... essa é uma coisa muito interessante. Isso é uma partícula que faz zzzzzzz desta forma, num movimento e a voar daqui para ali. O fundo aqui é uma partícula.

Por outras palavras, para ter uma partícula vocês teriam de dizer que isto está a fazer *bzzzzzz* e depois enviámo-la fazendo *zzzzp!* De forma que é um tipo de onda especializada, e, por essa razão, quando os professores estão atrás das suas bancadas nas aulas de física e dizem: "bem, diz-me, isto é uma partícula ou é uma onda?" Eles estão enganados. Eles estão redondamente enganados.

Uma linha recta é inevitavelmente um tipo de onda. Seria impossível ter uma linha recta que não fosse uma onda, porque uma onda é essencialmente uma trajectória de fluxo, e vocês não teriam... vocês não teriam uma definição melhor ou mais útil do que dizer que uma onda é uma trajectória de fluxo ou um padrão de fluxo. E por Deus, eu ainda não vi o dia em que poderiam separar uma linha recta da categoria dos padrões.

Portanto, "Isto é uma partícula ou é um fluxo?" Eles estão simplesmente a ofuscarem-se a eles mesmos.

Sabem, eles continuam a mudar de opinião sobre isto, o que é o mais engraçado de tudo. Um dia... um ano, está na moda dizer que raios X são fluxos, e no ano seguinte está na moda dizer que raios X são na realidade partículas em movimento que estão a viajar em linhas rectas. E no ano seguinte eles mudam de opinião de novo. Eles dizem que um fotão está a viajar em linha recta, por isso é um fluxo de partículas e não é um movimento de onda.



Oh, não! Quer dizer, estas não são definições úteis, e isso é tudo o que se quer numa definição. Tudo o que está a fluir numa onda é um fluxo de partículas.

Vocês tomam uma linha eléctrica e ela contém electrões e esses electrões estão a ir *brrrr*. São uma partícula de fluxo. Eles andam como doidos lá dentro. E vocês têm o número de centímetros que um electrão se movimenta nesse fluxo eléctrico que entra por ali agora, durante um dia... vocês poderiam medi-lo com uma fita métrica. Não está a voar por essa linha abaixo como água por um cano. Está a ser impelido a pontapé. É como se juntassem uma quantidade de bolas de bilhar aqui... para ter bolas de bilhar, vocês tem que ter coisas em movimento. Elas não são estáticas.

Estamos a estudar estática e cinética, só que *nós* estamos realmente a estudar estática e cinética, e os velhos rapazes na realidade apenas estavam a fazer de conta. Eles diziam: "vocês vêem este objecto. Está ali parado, não está? Está bem, está ali parado e por essa razão é um estático".

E vocês dizem: "Oh, não! De onde é que foste tirar essa ideia? Essa coisa já tem oito movimentos se estiver na face da Terra". Bem, há o movimento do sol a dar a volta... Quer dizer, da Terra a dar a volta ao sol. Há o movimento de variação da posição da Terra em relação ao sol chamado órbita. Há a rotação. Esta, por acaso, é um movimento variável, não é um movimento estável. E além disso... a rotação da Terra à volta do seu eixo. E aquela bola ali estática e imóvel, já está a viajar por estar na face da Terra, num só movimento, está a viajar a quase mil e seiscentos quilómetros por hora.

Em qualquer altura que me pudessem mostrar alguma coisa a mil e seiscentos

quilómetros por hora e dizer que essa coisa está imóvel... teria que ser um mágico melhor do que um professor de física. Porque um estático significaria simplesmente uma coisa, por definição, que não contivesse *nenhum* movimento.

Eles definem a palavra *estático* como uma coisa sem movimento. Isso é fantástico.

Cinética é movimento. Alguma coisa que se move ou um potencial de movimento. Vocês podem ver ali mesmo no *Websters*, e podem ver nos livros de física e podem ver em todos os outros lugares e lá diz que um estático é uma coisa que não se move e o cinético é uma coisa que se move, ou que se pode mover, e lá está. Depois mostramos uma bola poisada na superfície da Terra a movimentar-se em oito direcções diferentes simultaneamente.

Nós temos a dica do sistema solar. Há todo o tipo de movimentos em relação a outros espaços. Adicionalmente a isso, vamos pegar nesta bola de bilhar e olhar para dentro dela, para a sua própria estrutura, e descobrimos que poderíamos realmente traçar o padrão das moléculas e átomos através daquela bola de bilhar, e elas andam como uns doidas dentro dessa bola de bilhar. E as partículas que constituem as moléculas e os átomos de cada uma das moléculas e átomos, andam como umas doidas dentro das moléculas e dos átomos. E mesmo assim alguém diz que essa coisa não está em movimento. Bem, *está* em movimento. Isso é movimento em si e por definição. Movimento...

Por isso quando estudamos um estático, por amor de Deus, um estático teria que ser alguma coisa sem comprimento de onda; não poderia ter volume; de facto não teria localização no espaço. Esse seria o vosso estático. E não haveria nada ali. E isso seria um estático.

De forma que estamos a estudar estática e cinética. Mesmo acima de 40.0 temos um estático, um verdadeiro estático. E quando descemos até MEST ali em baixo, na parte baixa da escala, estamos a estudar cinética. De forma que em Cientologia estamos a estudar a ciência da estática e da cinética. E essa ciência não foi delineada no assunto da física.

São muito, muito divertidas, são muito divertidas as limitações que *o Homo sapiens* coloca a si mesmo. Ele começa a estudar a ciência da estática e da cinética, e depois não define cinética e não define estática, excepto que ele coloca-os no dicionário exactamente como são e depois nunca tenta estudá-las. Sim, ele diz... ele disse durante todo este tempo o que é um estático e depois nunca estudou um estático.

Está bem, vamos a ver isto, então. Descobrimos que este fluxo é uma característica e que este fluxo pode existir a qualquer nível de toda a escala de ondas, e a escala de ondas pode ir de um comprimento de onda de um sobre infinito para baixo até o comprimento de onda infinito. Mas no instante em que vocês dizem que têm zero, isso torna-se estático e não se torna um movimento de onda. Isso é simplicidade, não é?

Portanto, estamos a estudar desde estático a cinético, e estamos realmente a estudá-lo aqui. E estamos a descobrir algumas coisas terrivelmente interessantes, e tudo isso poderia ter sido descoberto há muito mais tempo.

Aquilo é um fluxo. Agora, uma onda estética seria um fluxo, um nível emocional poderia ser um fluxo, esforço poderia ser um fluxo, luz eléctrica é um fluxo, supersónico é um fluxo, máquinas de raios X são fluxos, a trajectória do movimento de ondas através do oceano é um fluxo, a trajectória de uma onda de compactação/rarefação quando atravessa um bloco de gelo é um fluxo; não importa qual é o comprimento de onda. Uma estação de rádio, colocada aqui fora a emanar intensamente ondas electromagnéticas, está a estabelecer

um fluxo. E estes têm todos comprimentos de onda, porque todos podem ser medidos em termos de comprimentos de onda.

Na física tentam dividir estas coisas em formações de rarefacção e condensação, e formações de fluxos reais. E contudo, aquilo que vos mostram como formações de fluxos reais são formações de rarefacção/condensação. Isso é o que é interessante.

Rarefacção/condensação ocorre numa linha de luz eléctrica para fazer a electricidade fluir. Muito bem. Estão a ver, outra coisa, uma coisa engraçada, sobre a rádio, é que vai através do espaço aonde não há nada, e está a fazer rarefacção/condensação para atravessar o espaço aonde não há nada.

Foi por essa razão que os velhos rapazes diziam que tinha que existir uma coisa como éter. Não tem que haver nada como éter. Tudo o que é preciso é emitir um grande... um grande leque de raios de iões de algum tipo, ou lançar iões de algum tipo, dum género que eles provavelmente não descreveram adequadamente até agora, e então simplesmente rarefazer e condensar estes iões enquanto avançam, e têm um fluxo de onda perfeitamente adequado.

Entendem o que queremos dizer com *fluxo*? Muito bem, vamos colocar fluxo sob um tópico. Como é que... na prática, o que é? É comunicação.

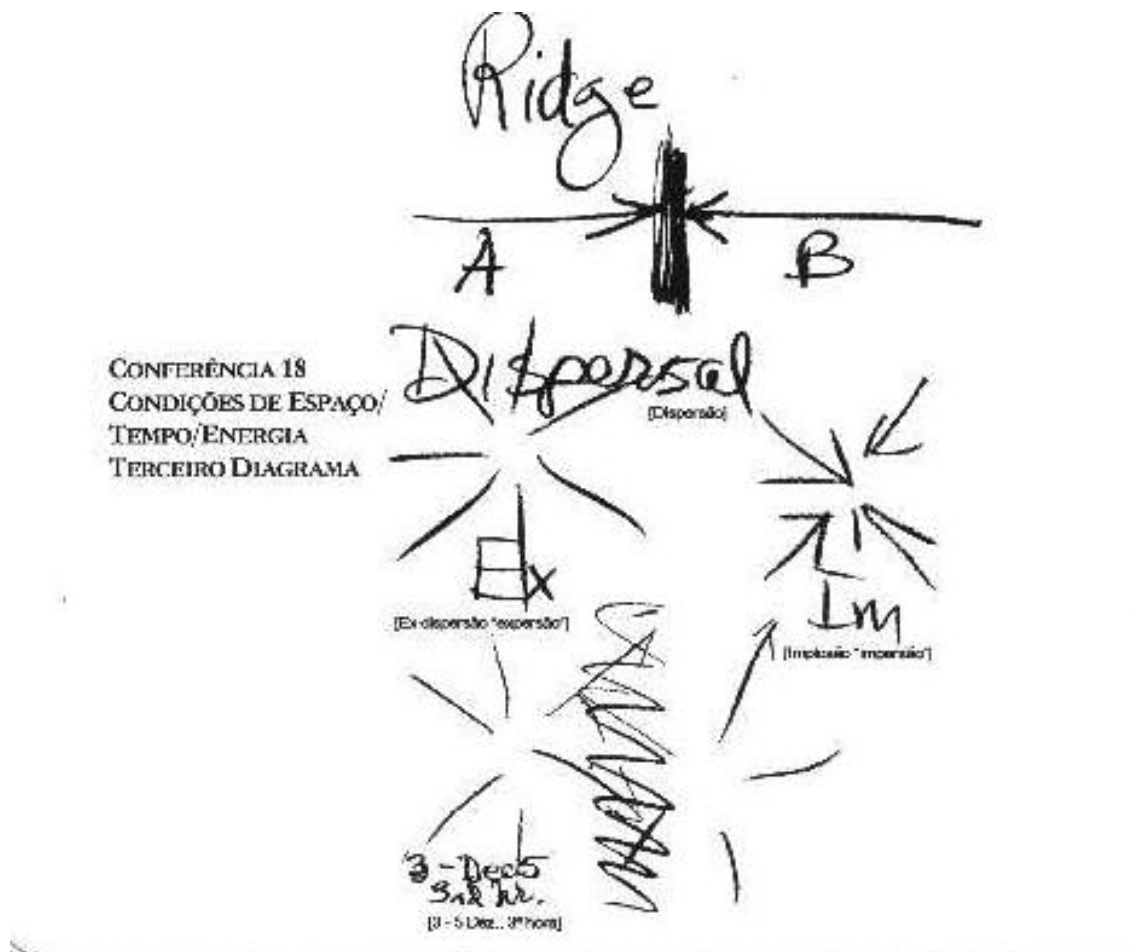
Agora vamos para o seguinte. [*Ver o diagrama da conferência na próxima página*]. Aqui temos um ridge. Um ridge é formado por dois fluxos. E estes dois fluxos, ao chocar, vão amontoar coisas. Se pegassem na fotografia estroboscópica de atirar um balde de água contra a parede de uma casa, vocês descobririam que no momento em que esta bateu contra a parede da casa, havia este grande “coágulo” de água ali parado. Havia muita água ali parada numa massa. A água pára de fluir quando deixa a borda do balde e bate contra o lado da casa e faz *carplache*!

E depois fica ali parada numa massa por um instante e depois escorre pela parede abaixo puxada pela gravidade, não por nenhuma necromancia. É simplesmente puxada pelo acordo chamado gravidade. E isto vai parede abaixo e o que é que resta? Uma parede seca? Não, não fica. Vocês têm uma parede molhada. E essa parede molhada é a parte que restou de um *fluxo* que foi impingido contra a parede da casa e o qual é em si, de uma forma embrionária, um ridge.

Agora, se pegassem em dois baldes de água e os atirassem um ao outro, vocês teriam dois fluxos que se poderiam encontrar no meio do ar. E se tivessem uma câmara estroboscópica ali, vocês seriam capazes de estudar o padrão do que eles fizeram e a parede que criaram quando bateram um no outro. Os dois fluxos batem um no outro e criam uma parede.

Bem, se tomarmos como exemplo a electrónica, (os rapazes acabam de se aperceber disto há muito pouco tempo)... isto é muito, muito, muito recente, mais recente do que o nosso material. Não há absolutamente nenhuma coincidência nisto, quer dizer, o facto de termos estado a estudar ridges desta forma e temos estado a falar de densidades electrónicas. Porque este outro assunto na realidade não está relacionado, porque há alguns escritores muito antigos que supunham que uma coisa assim poderia ocorrer. Só que nós podemos provar que isto acontece.

Vocês pegam num raio electrónico de algum tipo e disparam-no do lado direito, que é aqui o *fluxo* A, e pegam num raio electrónico e disparam-no do lado



esquerdo, e chamamos a isso B. E se os fazemos colidir, *crache!* Eles ficam ali parados durante um momento. Vocês desligam os raios e eles ficarão ali parados. Não é estranho? Vocês têm uma persistência de uma colisão. Um bom nome para isso, simplesmente uma persistência de colisão.

Agora, se vocês tivessem uma grande quantidade de raios electrónicos contendo *muitos* cavalos-vapor e uma grande quantidade de outros raios electrónicos contendo muita força, e eles colidissem e eles corressem e corressem e corressem e corressem e corressem e corressem e corressem, a persistência da colisão acabaria por tornar-se matéria.

E essa persistência de fluxos a colidir uns com os outros tomaria o aspecto emocional de coisas como apatia, ira, conservantismo. Por outras palavras, aquelas coisas que se fixam. A formação de matéria poderia muito bem ser explicada através de fluxos electrónicos no espaço, a colidir, colidir, colidir, colidir e esta persistência a continuar e a continuar, até que por fim vocês têm uma coisa em apatia, e essa coisa que está em apatia é um ridge que se torna matéria.

De forma que quando vocês têm esse fluxo a colidir com aquele fluxo... bem, há uma quantidade de maneiras de poder fazer ridges. Temos aqui aquilo que chamam uma dispersão. Uma dispersão é um tipo de fluxo especializado. Mas esse é o próximo que temos aqui. É dali que vocês estão a obter um jorro. E, por estranho que pareça, teremos simplesmente que classificá-los como dispersões, implosões. Isto é um *Ex* e isto é um *Im*.

Aqui está tudo a dispersar da direcção de um ponto, porque são as partículas que

estão a dispersar, entendem. Isto não é uma imagem de um... isso não é tanto o nome de um padrão mas o nome de um comportamento de partículas no espaço. E elas partem de onde estão com uma pressa louca. E poderiam vir aqui abaixo até este ponto no meio e isso seria implosão ou elas sairiam deste ponto e isso seria uma "ex-" dispersão.

Vocês provavelmente poderiam chamá-la de "im-persão" e uma "ex-persão" se quisessem inventar uma grande quantidade de palavras. Por acaso não precisamos dessa linguagem.

Onde esse... digamos que duas dispersões colidiam e elas colidiam uma com a outra. O material está a jorrar dali numa pressa louca e por aí fora. E aqui está outra: bang, bang, bang, bang. Temos a coisa a explodir para fora a partir daqui, do meio, e onde elas colidem nesta área central, o impacto entre a energia irá mais uma vez fazer um ridge. Mas o que é isso? Isso é uma quantidade de fluxos a colidir ao acaso, uns contra os outros.

Bem, poderíamos combinar uma implosão e uma explosão de tal forma que obtemos uma turbulência. Ah, estamos a chegar a algum lado, não estamos? Podemos obter uma turbulência de fluxos electrónicos, e onde se obtêm uma turbulência de fluxos electrónicos contínua, vocês obtêm um ridge.

Os três níveis actuais de comportamento da energia são fluxos, ridges e dispersões. Mas uma dispersão, como podem ver, é um fluxo múltiplo especializado. Simplesmente porque um fluxo é paralelo. Mas podem dizer que são esses três.

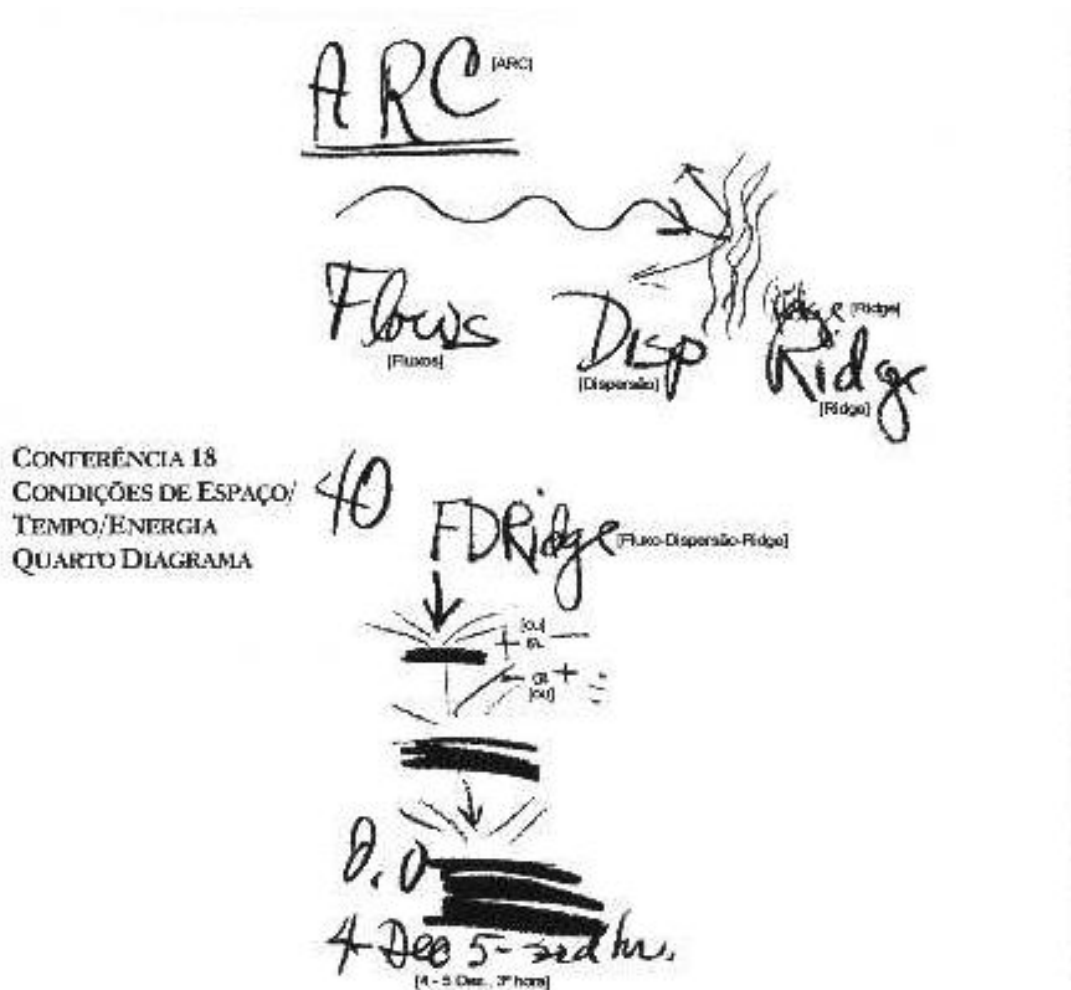
Ora bem, um fluxo vem por aqui, e... **[Ver o diagrama da conferência na próxima página]**. Um fluxo vem por este caminho e está a comportar-se muito bem, e de repente colide com um ridge que já existe, e fará *chape*. Estão a ver, vai nessa direcção e faz *chape* e volta para aqui e deixa uma certa quantidade da sua energia residual aqui no ridge. A melhor forma de se criar um ridge é quando dois fluxos colidem, mas digamos que simplesmente já estava alguma coisa ali e ele colide com isso e vocês têm aquela coisa a fluir. Por isso, vamos ver aqui que o padrão real de progresso da corrente electrónica é de um fluxo para uma dispersão para um ridge. Isso é... vejamos, vocês obtêm uma dispersão no momento do impacto de um fluxo.

De forma que poderiam categorizar isto como os três tipos de fluxos que temos aqui e que são... quer dizer, três tipos de características de energia (eu devia ser muito exacto em relação a isto). São *fluxo dispersão e ridge*.

A energia quando começa a formar-se transforma-se em fluxos, dispersões e ridges. No topo da Escala de Tom vocês têm fluxo-dispersão-ridge que é tão, tão, tão pequeno que é impossível de imaginar, e que faz, quem iria adivinhar, uma partícula. Uma partícula consiste de um fluxo-dispersão-ridge, fluxo-dispersão-ridge, fluxo-dispersão-ridge e é em si mesmo, então, uma partícula, e está a fazer todo o tipo de coisas estranhas dentro de si própria.

Agora, no próximo passo para baixo a partir duma partícula, vocês começariam a entrar num espaço mais amplo, e este espaço mais amplo seriam partículas que estariam a fazer fluxos-dispersões-ridges, fluxos-dispersões-ridges, fluxos-dispersões-ridges. Quando eu estava a falar de harmónicas um pouco mais cedo, eu estava a falar de ridges formados de um modo cada vez menos pesado pela escala acima.

Um ridge é bastante leve no princípio. Agora temos o próprio ridge a fluir um pouco e a dispersar um pouco e um *novo* ridge, e teremos descido pela Escala de Tom.



De forma que projectamos a Escala de Tom desde 40.0 para baixo em termos de fluxo, dispersão, ridge, quem diria que isto seria assim?, como aquele padrão que está a ir ali para baixo. Agora temos um fluxo, dispersão, ridge, novo tom, e obtemos um fluxo, dispersão ridge, e obtemos um fluxo, dispersão, ridge. Vocês conseguem ver essa escala de gradientes? Vocês estão a olhar para a construção da matéria. Fluxo-dispersão-ridge, fluxo-dispersão-ridge, fluxo-dispersão-ridge.

Agora, vocês também estão a olhar para voltagens de placa, positivas e negativas. Cada vez que esta coisa colide, vocês obtêm um ridge num potencial, positivo, digamos, e isso é "possui-nos"; e o próximo para baixo dali é "não nos possuias" e o próximo é "possui-nos", o próximo é "não nos possuias". E vocês têm um intercâmbio contínuo de fluxos de energia, dispersões e ridges para cima e para baixo na Escala de Tom. É por isso que vocês têm estas dicotomias. Pólos positivos e negativos criam fluxos eléctricos, e eles podem criá-los em qualquer nível da Escala de Tom.

E porque razão, então, é que isto é tão importante? É terrivelmente importante porque é um... nós tratamos estas coisas, na experiência humana, como sensação e por essa razão temos a escala de gradiente de sensação. De forma que quando olhamos para

esta proposição de fluxo-dispersão-ridge estamos a ter, então, sensação, continuamente por toda a linha abaixo como coisas diferentes, coisas diferentes e coisas cada vez mais sólidas. E qualquer sensação poderia ser categorizada como uma dispersão ou um ridge ou um fluxo.

E o que é o acordo? E o que é a realidade? Isso é a direcção do fluxo. A realidade é a direcção do fluxo. Se o vosso desacordo está a fluir para fora, o vosso acordo está a fluir para dentro. Se está a fluir para dentro, vocês têm realidade de acordo. Se está a fluir para fora, vocês têm realidade de desacordo. Então a direcção do fluxo é a realidade, quer seja um fluxo, uma dispersão ou um ridge, é afinidade, e quer esteja ou não num ou outro ponto da faixa da escala que eu vos mostrei como estando em ângulo recto em relação a isto, diz-vos qual o tipo de comunicação.

Ao nível da luz, é a visão. Ao nível do som, é por acaso a audição. Ao nível do tacto, é uma coisa diferente. Ao nível do esforço, é outra coisa. E cada um deles está a ser usado como uma faixa de percepção, e a faixa de percepção está presente em cada nível destas coisas. Mas onde isto é um ridge, está cego; aonde é um fluxo, pode ser visto, onde é uma dispersão, está espalhado e a mudar.

E portanto, à medida que sobem a Escala de Tom com um preclear, vocês estão a obter estas três condições em termos de percepção durante todo o percurso pela Escala de Tom acima, e estão a obter cada vez menos e cada vez menos. Mas elas passam de excelente a péssimas em cada faixa, e depois elas voltam a ficar boas, e... mas elas irão ficar melhor. E depois elas ficam péssimas e depois ficam melhor do que isso e depois elas ficam um pouco menos más e depois ficam muito melhores do que isso.

E, então, o que é que vocês estão a estudar quando estudam comunicação? Vocês estão a estudar o ponto da faixa de tom, e se a afinidade é ou não um fluxo, uma dispersão, ou um ridge. E estas três interacções, de que vamos falar muito, muito mais a fundo, são então as três características de ARC comparadas com espaço, energia e objectos. E temos, então, a experiência humana.

É tudo, obrigado.
